



## **O MACHISMO EM SALA DE AULA: QUE AÇÕES PROFESSORES E PROFESSORAS PODEM ADOPTAR PARA REPREENDER TAL COMPORTAMENTO?**

José Marcondes Alves da Silva<sup>1</sup>  
Luana Alves da Silva<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente estudo se deu através de uma pesquisa realizada na disciplina de fundamentos psicológicos da educação II, onde tinha como problemática o machismo em sala de aula e como objetivo dessa pesquisa foi buscar entender quais os preconceitos vivenciados ou observados para com mulheres e de que forma professores e professoras podem atuar para reeducar o indivíduo machista, neutralizando esse tipo de comportamento. A etapa aqui descrita investigou como o machismo ainda se encontra presente nas relações cotidianas de uma escola, seja essa escola de ensino fundamental, anos iniciais, reforçando os papéis delineados socialmente para homens, mulheres, meninos e meninas.

**Palavras-chave:** Machismo, Professor(a), Escola, Sala de aula.

### **INTRODUÇÃO**

Educadores enfrentam desafios diariamente em sala de aula, estes podem envolver aspectos estruturais da instituição em que lecionam, aspectos de reconhecimento (inclusive salariais) e também questões voltadas para relacionamentos com estudantes e entre eles. Nas interações que acontecem em sala de aula, uma circunstância corriqueira e que faz parte da vivência de professores e professoras é a lida com o machismo, um problema causador de diversos tipos de violência – sejam elas físicas ou psicológicas – e que está presente não só na sala de aula, mas em todas as áreas da sociedade.

Diante dos pontos apresentados e tendo em vista maior compreensão da temática, vale conceituar machismo que, conforme Damasceno (2017, p. 2), é:

Um conjunto de pensamentos, fatos, atitudes e costumes que fazem os homens acreditarem que são superiores às mulheres. O comportamento machista justifica e promove comportamentos percebidos como discriminatórios contra as mulheres. Está relacionado com a diferenciação de tarefas de acordo com o gênero e com a crença de que o homem tem mais direitos do que as mulheres.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Física da Universidade Federal de Pernambuco – Campus Agreste – UFPE/CAA, [marcondessilva120@gmail.com](mailto:marcondessilva120@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco – Campus Agreste – UFPE/CAA, [l.15.luana@hotmail.com](mailto:l.15.luana@hotmail.com);



Assim, diante do apresentado por Damasceno (2017), entende-se o machismo leva o homem a verificar sua figura masculina como um ser superior e que tem condições de realizar algumas atividades que mulheres não apresentam “capacidade” de fazer. Ou, ainda, que possuem direitos que se estendem além dos direitos femininos. Tais circunstâncias, construídas historicamente e perpetuadas até os dias de hoje, podem levar os homens à crença de que têm liberdade para violentar ou subjugar uma mulher, mesmo que apenas com palavras, para demonstrar e impor a superioridade que acredita possuir.

Corroborando com o apresentado até então, com suporte de Silva e Mendes (2015), verifica-se que nas instituições de ensino, desde a infância, se separa um espaço para homens e um espaço para as mulheres, o que inclui atividades e comportamentos esperados. Os meninos à exemplo, brincam de carro e de ir ao trabalho, além disso, em aulas de Educação Física, o momento do futebol é destinado aos homens. Enquanto isso, as meninas brincam de bonecas, de cozinhar, realizam atividades teóricas e são apartadas do contexto determinado como masculino.

De Paula corrobora com o apresentado e expõe que:

Desde o nascimento, meninas e meninos são inseridos nas construções sociais de seu meio que irão influenciar suas atitudes, gestos, valores e opiniões de acordo com seu sexo. A menina provavelmente será educada de modo a exercer atividades passivas, funções domésticas, será estimulada a desenvolver sentimentos de delicadeza, amor, fragilidade e resignação, enquanto que o menino será estimulado a exercer atividade mais ativas e estimulado pelos sentimentos de coragem, aventura, autonomia e liberdade. (DE PAULA, 2018, p. 20).

Nesse sentido, com suporte de Martins e Bulla (2017), quando as mulheres, mesmo que ainda crianças na escola, optam por fazer algo diferente do que foi instituído, são vítimas de chacotas e pressões, como serem consideradas fracas ou incapazes quando buscam realizar algo comumente feito por homens. Na universidade, o contexto se perpetua levando mulheres a sofrerem uma série de preconceitos diante das profissões que escolhem seguir, que comumente são ocupadas por homens, além de assédios, invasões do seu espaço por homens que acreditam ter esses direitos, dentre outras circunstâncias relacionadas.

Com base nas contextualizações realizadas, o presente estudo busca entender quais os preconceitos vivenciados ou observados para com mulheres e de que forma professores e professoras pode atuar para reeducar o indivíduo machista, neutralizando



esse tipo de comportamento. Nessa perspectiva, enfatiza-se também o papel da instituição, até mesmo, para neutralizar atitudes machistas que possam vir dos próprios professores.

A seguir, apresenta-se a metodologia utilizada para o estudo em questão, o desenvolvimento da temática, os resultados e discussões provenientes da pesquisa de campo citada e os aspectos conclusivos. Busca-se, com este estudo, conscientizar todos aqueles que permeiam o ambiente de universidades e instituições de ensino em geral, tendo em vista transformar o cenário machista, que tantas consequências negativas proporcionam à sociedade.

## **METODOLOGIA**

A metodologia desta análise é realizada através de revisão bibliográfica, consultando sites de bancos de dados e artigos de internet que auxiliem na compreensão sobre o tema. Também realiza-se pesquisa de campo, através de questionário no Centro Acadêmico do Agreste – CAA, em que são entrevistados alunos, sendo alguns deles já atuantes na docência, sobre a convivência com o machismo em sala de aula, enquanto vítimas, testemunhas ou educadores. Durante a pesquisa, pergunta-se sobre as ações que já foram tomadas ou que podem ser incorporadas por professores e professoras como formas de combater o machismo nas instituições de ensino.

Modelo do questionário aplicado:

- 1- Você é homem ou mulher?
- 2- Você estuda no CAA?
- 3- Você já atuou como professor?
- 4- Você já presenciou o machismo em sala de aula? Quais atitudes tomaram enquanto professores?
- 5- Já cursaram algumas disciplinas que envolvessem a temática machismo?
- 6- Já vítimas de machismo?
- 7- O que você entende por machismo?



## REFERENCIAL TEÓRICO

O machismo tem sido considerado, conforme Martins e Bulla (2017) um dos maiores motivos para a ocorrência de violências contra a mulher, visto que é a partir do sentimento de superioridade masculino que surgem outros sentimentos, como ciúmes, posse do outro, imposição de vontades e também de comportamentos. Deste modo, casos de agressões e feminicídio crescem anualmente, fazendo com que estudiosos e autoridades busquem maneiras de lidar com a raiz do problema, tendo em vista inibir a ocorrência de crimes motivados por questões de gênero.

Nesse sentido, acredita-se que, para modificação do comportamento e pensamentos masculinos no que se refere à mulher, passando a considerá-la com igualdade e respeito, se fazem necessárias intervenções educativas no seio familiar, na escola e demais instituições de educação que o indivíduo perpassar no futuro. Assim, esta pessoa será educada para um tratamento igualitário para com as mulheres, perpetuando este comportamento para o meio em que vive e para as gerações futuras. No que se refere às pessoas que já foram educadas de maneiras machistas, valem intervenções para transformar perspectivas, a serem adotadas por diversas instâncias, como autoridades – quando for o caso – e também por educadores.

Os educadores, portanto, por conviverem com um grande contingente de alunos e por fazerem parte de um longo período da vida desses indivíduos, acabam presenciando situações de machismo que, se não solucionadas de imediato, podem ser perpetuar e gerar consequências mais graves. Martins e Bulla (2017), relatam casos de ocorrência de machismo em salas de aula da educação básica, em que, durante as exposições dos conteúdos, meninos costumam fazer piadas envolvendo mulheres, de maneira a designá-las unicamente como donas de casa, de depreciá-las em termos de força e habilidade para realizar uma tarefa ou, até mesmo, sexualmente. Essas atitudes, por não serem repreendidas adequadamente na maioria dos casos, acabam sendo levadas para as universidades, onde acabam tornando-se ainda mais agressivas e repulsivas, causando danos psicológicos e físicos a uma série de mulheres.

Desconstruir tal cultura da superioridade masculina, em que muitos homens acham que podem fazer aquilo que sentem vontade e as mulheres devem simplesmente submeter-se ou calar-se, é um grande desafio. Mas as intervenções são necessárias, com



medidas educativas que apresentem estudos sobre a construção do machismo, sobre comprovações científicas que demonstrem a igualdade física e intelectual entre homens e mulheres e também sobre o feminismo. Neste último sentido, deixando claro aos homens que ser feminista não é a mesma coisa que ser machista, o machismo impõe uma rede de poder do homem para com a mulher, enquanto o feminismo busca igualdade de oportunidades e justiça entre gêneros.

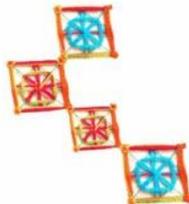
Apesar de professores e professoras terem o importante papel de intervir nos casos de machismo nas instituições de ensino, esta não se constitui uma tarefa fácil. De Paula (2018) afirma que:

Inúmeros são os desafios já apontados entre estudiosos, sobre as dificuldades que os docentes enfrentam para iniciar e dar prosseguimento ao projeto de GDE (Gênero e Diversidade na Escola), a ausência de formação, da formação continuada e a não inclusão da temática de gênero e diversidade na grade do curso de Pedagogia, das demais licenciaturas e na matriz curricular do curso normal são alguns dos obstáculos. Estamos certos de que incorporar o debate de Gênero e Diversidade na formação de professores que trabalham com crianças e jovens é o caminho mais consistente e promissor para um mundo sem intolerância, mais plural e democrático.

Acredita-se que, com apoio de familiares, instituições de ensino, esforço contínuo dos educadores e educadoras e com o fortalecimento e concretização efetiva das leis que defendem os direitos da mulher, será possível desenhar um futuro diferenciado acerca das questões de gênero, garantindo às mulheres a reparação das falhas cometidas até então através de respeito, liberdade e maiores espaço de fala e de oportunidades.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O questionário aplicado no Centro Acadêmico do Agreste abrangeu 7 perguntas, que foram voltadas para as seguintes questões: se os pesquisados eram homens ou mulheres; se faziam parte do corpo discente do CAA; sobre quais cursos faziam parte; se já atuavam ou não como professores e, finalmente, perguntas voltadas para o machismo em sala de aula. Sobre estas, foi perguntado se eles já presenciaram o machismo nas salas de aula e quais atitudes tomaram a respeito enquanto professores; se, enquanto universitários, já cursaram disciplinas que envolvessem a temática machismo; se já foram vítimas de machismo; e o que entendiam sobre esta questão.



Diante das respostas, enfatiza-se que um contingente de 17 (dezesete) mulheres e 16 (dezesesseis) homens responderam ao questionário (deixando algumas perguntas em branco – comumente as abertas), sendo a maioria deles universitários dos cursos administração, economia, engenharia de produção, física, pedagogia e matemática. Dos pesquisados, 18 (dezoito) já atuam ou atuaram como professores e um como auxiliar de turma, afinal, pelo fato de alguns dos cursos dos pesquisados serem de licenciatura, estes são levados desde os primeiros semestres às salas de aula.

No que se refere às perguntas voltadas para o machismo, 11 (onze) de 19 (dezenove) respondentes relataram terem verificado o machismo em sala de aula enquanto lecionavam, e afirmaram terem tomado atitudes a respeito, tendo em vista que a situação não mais se repetisse. Entre as atitudes tomadas pelos educadores engloba-se: encaminhar o estudante que realizou o ato para a gestão da instituição; repreender o estudante e falar sobre igualdade de direitos entre homens e mulheres; repreender o aluno por ter passado as mãos nas partes íntimas da aluna sem o consentimento e fazer o aluno machista se redimir e pedir desculpas à vítima. Nesse sentido, verifica-se que, apesar de todos que tiveram acesso ao questionário não terem respondido a esta pergunta, a maioria dos que responderam tomaram atitudes imediatas contra o machismo, adotando ações educativas para transformar o comportamento errôneo.

Quando perguntado se os pesquisados já tiveram disciplinas na universidade voltadas para discussão do machismo, 17 pessoas afirmaram já terem cursado ou que estão cursando, enquanto 16 afirmaram não terem tido acesso a esse tipo de disciplina. Percebe-se que a maioria pesquisada teve ou está tendo acesso a esse tipo de conteúdo, mas (mesmo que através de uma amostra) ainda é relevante a quantidade de pessoas que não estudam a temática. Levando em consideração que alguns irão atuar na área de educação – pilar importante para o combate ao machismo – se faz fundamental uma atenção maior ao tema no contexto acadêmico.

Quando perguntado sobre ter sofrido casos de machismo, a maioria dos pesquisados relataram que sim (17 pessoas). Considerando-se que, do geral de pesquisados, 17 são mulheres, observa-se que todas as pesquisadas já sofreram com casos de machismo, uma realidade alarmante que precisa ser transformada. Uma delas informou ter sofrido machismo por parte do próprio professor, que chamou apenas meninos para “jogar queimado”. Outra, também na área de educação, se sente desprezada pelos professores do seu curso, que é física – eminentemente masculino. As



demais, sofreram em relacionamentos com a família, em namoro abusivo ou com piadas feitas por homens nas ruas.

Sobre a necessidade de abordar o machismo em sala de aula, a última pergunta do questionário, todos os entrevistados foram enfáticos em dizer que o machismo precisa ser discutido, tendo em vista transformar a sociedade, atualmente patriarcal, em uma sociedade igualitária para homens e mulheres, inserindo, até mesmo, a luta contra a homofobia nesse contexto. Para a mudança dessa cultura de opressão, a maioria dos entrevistados enfatizam que se deve quebrar o paradigma de não falar sobre machismo, abordando abertamente o tema nas escolas e universidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo buscou discutir sobre a temática machismo e como lidar com este dentro da sala de aula. Durante as análises, percebeu-se que o machismo é uma construção histórica que precisa ser estudada e desconstruída desde primeiros pilares educacionais do indivíduo, como a família e a escola, perpassando também a universidade. Assim, para reduzir os casos de violência contra a mulher, que são resultantes do machismo, se faz necessário reeducar a sociedade, modificando o sistema patriarcal e opressor e uma sociedade com igualdade de direitos para homens e mulheres, desde a tenra idade.

Vale ressaltar também que, levando em consideração as respostas dos questionários dos/as estudantes/professoras, percebemos que as visões machistas e sexistas estão presentes em quase todas as respostas, demonstrando o quanto estão impregnadas, especialmente em relação aos papéis dispensados a homens e mulheres na sociedade. São concepções que, de tão comuns, se tornaram naturais. Sendo assim, é preciso que dispenseemos mais tempo à reflexão, ao estudo e ao debate das questões de gênero na sociedade e na educação para pensarmos em relações menos excludentes, pois, só assim, problematizando essas questões e buscando caminhos de resistência, poderemos pensar em uma sociedade que seja menos opressora na construção das relações entre homens e mulheres.



Conforme as pesquisas bibliográficas realizadas e a ida a campo, entende-se que os professores e as professoras precisam de apoio da escola e do governo – através de formação continuada que lhes possibilitem lidar com o machismo e, até mesmo, repensar suas próprias condutas para com as alunas. Assim, terão as ações pedagógicas adequadas para reprimir as atitudes machistas e fazer com que os alunos se comportem de maneira mais respeitosa para com as mulheres.

Assim, configura-se como papel da escola refletir sobre as construções acerca do jeito de ser menina e menino e como essas construções se articulam nas escolas, tentando pensar em estratégias que visem diminuir os efeitos das discriminações nas relações de gênero e no processo de construção de novas relações entre homens e mulheres que possam gerar comportamentos e papéis que nos tornem pessoas melhores e mais felizes.

Acredita-se, com suporte de autores como Martins e Bulla (2017), que os professores podem agir não apenas repreendendo o aluno frente a todos os colegas, mas realizando projetos educativos que protagonizem a mulher, enquanto indivíduos fortes, competentes, capazes e transformadores de realidades. Podendo-se adotar, também, projetos de combate à violência contra a mulher. Assim, acredita-se que será possível vislumbrar um futuro mais igualitário e justo nas próximas gerações.

## REFERÊNCIAS

DAMASCENO, Cátia. **O que é machismo e como você pode lidar com isso?** 2017. Disponível em: <<https://www.mulheresbemresolvidas.com.br/o-que-e-machismo/>>. Acesso em: 22 de maio de 2019.

DE PAULA, Mayara da Silva. **O papel do (a) docente no combate à educação sexista**, 2018. Disponível em: <<https://monografias.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/o-papel-do-docente-no-combate-educacao-sexista.htm>>. Acesso em: 22 de maio de 2019.

MARTINS, Luisa Bittencourt; BULLA, Gabriela da Silva. **Encontro com o machismo na sala de aula: aprendizagens a partir de experiências de professoras**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), ISSN 2179-510X. Florianópolis, 2017.

SILVA, Maví Consuelo; MENDES, Olenir Maria. **As marcas do machismo no cotidiano escolar**. Caderno Espaço Feminino, v. 28. n. 1. Jan./ Jun. 2015. pp. 90-